

## A FILOSOFIA ALÉM DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA: RELAÇÕES ENTRE A PRÁTICA EDUCATIVA E A UTILIDADE DO CONHECIMENTO FILOSÓFICO.

*Valquíria Dias de Almeida<sup>1</sup>*

Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia da Bahia-IFBA

*Luís Artur dos Santos Cestari<sup>2</sup>*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

*Cláudio da Silva Brito<sup>3</sup>*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

**Resumo:** Esta pesquisa traz uma abordagem sobre a relação entre a Filosofia, as práticas educativas e a utilidade do conhecimento filosófico, buscando encontrar a relação entre as práticas educativas desenvolvidas pelos professores em suas aulas de Filosofia e a relação da visão de utilidade ou inutilidade do conhecimento filosófico na perspectiva dos alunos. Compreende-se tal questão como relevante por meio da percepção que temos que as práticas educativas adotadas e desenvolvidas pelos professores de Filosofia podem influenciar de forma determinante na percepção que os alunos possuem sobre a utilidade do conhecimento filosófico. Para o desenvolvimento de tais pressupostos utilizamos as perspectivas teóricas e interpretativas de Gilles Deleuze e Felix Guattari e Antoni Zabala.

**Palavras chave:** Filosofia. Prática Educativa. Utilidade do Conhecimento Filosófico.

### Introdução

Desde a antiguidade, as filosofias têm sido construídas pelos filósofos numa relação muito próxima com a interpretação que eles fazem dos aspectos que influenciavam suas formas de vida, de modo que a produção deste saber não se dava distante de como eles viviam em sociedade. Por exemplo, Pierre Hadot nos mostrou em seus estudos sobre filosofia antiga que assumir uma perspectiva ou um movimento filosófico, seja ele platônico, aristotélico,

<sup>1</sup> Mestre em Educação (PPGED) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Especialista em Metodologia da Língua Portuguesa e Literatura (Faculdade Einstein), Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e em Filosofia pela UESB, Coordenadora e Professora do Instituto Educacional, Teológico e Cultural (IETC – Polo Barra do Choça). Professora de Filosofia do IFBA- Vitória da Conquista, val\_magali@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação – UESB. Lcestari@hotmail.com

<sup>3</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Bacharel em Ciência da Computação - UESB, Licenciado em Matemática na Universidade do Tocantins - UNITINS e Pós-Graduação em Metodologia do Ensino de Matemática e Física – UNINTER. csb.britto@gmail.com

estoico, epicurista, implica em admitir os mesmos pressupostos em seu modo de vida, ou seja, não podemos ser platônicos se não admitimos a cisão provocada pelo julgamento de Sócrates na vida de Platão que o levou a valorizar bem mais o mundo das ideias do que o mundo sensível, de opor a episteme à doxa.

Ao longo do século XX, a entrada da filosofia como saber do currículo escolar tem propiciado a constituição de uma imagem dogmática deste saber com a proliferação de práticas educativas que ensejam uma percepção deste saber como algo distante da vida e sem implicação direta para a vida dos alunos. Assim, associado a esta imagem é que se apresenta no contexto das práticas educacionais o problema da utilidade da permanência deste saber no currículo.

A importância de se tratar dessa questão, parte da percepção de que as práticas educativas adotadas pelos professores de filosofia podem influenciar de forma crucial na percepção que os alunos têm da utilidade do conhecimento filosófico e está intimamente ligada ao processo formativo do professor e às práticas educativas desenvolvidas na escola e na sala de aula. Esperamos que esse trabalho nos forneça elementos para uma compreensão e uma discussão sobre o lugar que a filosofia vem ocupando dentro do contexto escolar e que nos permita obter informações e um diálogo sobre as práticas educativas do professor de filosofia.

## **1. Afinal, o que é a Filosofia?**

Adotando a mesma atitude que está intrinsecamente ligada à Filosofia, que é o fato de questionar, surge a pergunta: Afinal, o que é a filosofia? O que é o conhecimento filosófico? O que diferencia o conhecimento filosófico dos demais tipos de conhecimentos? Embora tardiamente, tais questionamentos tenham sido tomados com considerável disposição e serenidade no século XX.

Dentro dessa perspectiva fomos buscar exemplos para tais indagações em Heidegger (1956) que, em sua obra “*Que é isso a filosofia?*”, quando aborda profundamente tais questionamentos e Deleuze (2010), em sua obra “*O que é a filosofia?*”, a define, fundamentalmente, como criação de conceitos. A origem do termo “Filosofia” é atribuída ao filósofo Pitágoras que significa “amante da sabedoria”. Insistia Pitágoras que sua sabedoria consistia unicamente em reconhecer sua ignorância, não devendo, portanto, ser chamado de “sábio”, mas apenas de “amante da sabedoria” (EWING, 1984, p. 11).

Desvendar o que é a Filosofia não é algo relativamente fácil tendo em vista que todo o arcabouço teórico e histórico envolvido na questão é extremamente vasto e com inúmeras definições, o que torna a tarefa de se compreender o que seja a filosofia uma expedição mais árdua, no anseio por tal resposta.

Chama-nos a atenção algumas definições que a filósofa Marilena Chauí atribui à Filosofia em seu livro “*Convite à filosofia*”. A primeira definição que vemos neste é a de Filosofia como, visão de mundo: “[...] essa é uma definição ampla e muito vaga, que não permite distinguir o conhecimento filosófico de outros conhecimentos” (CHAUÍ, 2000, p. 14). Nesta perspectiva, encontra-se presente a inclinação de se reduzir a filosofia apenas a um conhecimento a mais, junto a tantos outros existentes.

Outra definição segundo a autora é a da Filosofia como “Fundamentação Teórica e Crítica dos Conhecimentos e das Práticas. Essa descrição coloca a filosofia como: análise, reflexão e crítica” (CHAUÍ, 2000, p. 15).

Tomando como referência Chauí (2000), chegamos à compreensão de que não devemos confundir o saber filosófico com o sociológico, artístico ou histórico. A Filosofia se situa em um patamar mais além, não que seja ela superior aos outros tipos de conhecimento, porém, possui, em suas especificidades, atribuições e diferenciações que a torna conhecimento do conhecimento, a busca constante pelo questionar e pela sabedoria.

Na mesma obra “*Convite à Filosofia*”, Chauí (2000, p. 18) nos apresenta algumas definições de filósofos sobre o que, para eles, seria a Filosofia. “[...] Descartes dizia que a Filosofia é o estudo da sabedoria, conhecimento perfeito de todas as coisas que os homens podem alcançar para o uso da vida, a conservação da saúde e a invenção das técnicas e das artes”. Vemos, intrínseco neste trecho, um conjunto de atribuições dadas à Filosofia, dentre elas, uma que nos chama em especial a atenção, a que define a Filosofia como “conhecimento perfeito de todas as coisas”.

Ainda sobre essa mesma questão Chauí (2000, p. 18) nos revela a opinião de Espinosa o qual defende que “A Filosofia é um caminho árduo e difícil, mas que pode ser percorrido por todos, se desejarem a liberdade e a felicidade”. Ante o exposto, percebemos que a Filosofia se constitui sim um caminho árduo e difícil, porém, os resultados obtidos nessa caminhada são extremamente proveitosos e necessários para o homem. A Filosofia tem em si a capacidade de fomentar e aprimorar o trabalho do pensar, do refletir, do raciocinar e, desse modo, desenvolve nos sujeitos o senso crítico tão necessário para se viver em sociedade.



Nessa mesma perspectiva nos diz Luckesi (1994, p. 22): “[...] a filosofia é um corpo de conhecimento, constituído a partir de um esforço que o ser humano vem fazendo de compreender o seu mundo e dar-lhe um sentido e um significado compreensivo”. Todavia o autor ainda nos chama a atenção que a Filosofia é um “corpo de conhecimento”; em Filosofia, corpo de conhecimentos significa um conjunto coerente e organizado de entendimentos sobre a realidade. “[...] desse modo, a Filosofia é corpo de entendimentos que compreende e direciona a existência humana em suas mais variadas dimensões” (LUCKESI, 1994, p. 22).

Sedentos por mais definições e conceituações, nos dedicamos a compreender a proposta e acepção do que é a filosofia desenvolvida por Deleuze e Guattari (1995), naquele que veio a se tornar um dos livros mais importantes sobre o assunto “*O que é a Filosofia?*”. Para nos direcionarmos de forma mais coesa sobre os temas e conceitos abordados no livro, nos embasaremos também nas perspectivas interpretativas de Sílvia Gallo (2017), produzidas em seu livro “*Deleuze e a Educação*”, obra na qual o autor versa sobre aspectos da filosofia de Deleuze e Guattari (1995) e tenta aproximá-la de uma vertente educacional.

Logo de início, os autores Deleuze e Guattari (1995) já nos direcionam sobre a tese central para a resposta “o que é a Filosofia?”. Para eles “A filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (DELEUZE, 2010, p. 8). Temos aqui um importante elemento da filosofia Deleuziana, os *Conceitos*. E o que vem a ser na Filosofia de Deleuze (1995), *Conceitos*? Antes de adentrar na definição do termo, Deleuze (1995) nos leva a outra importante informação, de que a Filosofia necessita ser formulada “entre amigos”. E quem seriam esses amigos? Para o autor seria uma espécie de personagem. Os *conceitos* necessitam de personagens conceituais que contribuam para a sua definição. Amigo é um desses personagens, os quais testemunharam a favor de uma origem e do nascimento da Filosofia.

Nessa perspectiva,

As outras civilizações tinham Sábios, mas os gregos apresentam esses ‘amigos’ que não são simplesmente Sábios mais modestos. Seriam os Gregos que teriam sancionado a morte do Sábio, e o teriam substituído pelos filósofos, os amigos da sabedoria, aqueles que procuram a sabedoria, mas não a possuem formalmente (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 8).

Para Deleuze (1995) o “amigo” é um “personagem conceitual” que vem a contribuir em sua filosofia para a definição de conceitos. É a forma que os autores leem e interpretam a figura do filósofo, como sendo este um personagem que está em busca constante pela sabedoria, que procura criar e pensar conceitos. Nesta definição, podemos notar que o filósofo se diferencia dos Sábios antigos que, em sua busca pelo conhecimento, o desenvolvia por

figura e por imagens. Ao definir o filósofo como “amigo de conceitos”, Deleuze (1995) admite e nos mostra que a tarefa da Filosofia é extremamente criativa. Para ele, o Filósofo e os conceitos estão alinhados da seguinte forma:

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em *criar conceitos* [...]. Criar conceitos sempre novos, é o objetivo da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência [...]. Que valeria um filósofo no qual se pudesse dizer: ele não criou um conceito, ele não criou seus conceitos (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 13-14, grifo do autor).

Esta noção deferida por Deleuze e Guattari (1995) se difere e muito das noções de Filosofia propagada por outros autores. Para eles, a Filosofia tem uma ação criadora de conceitos, ela não se posiciona de forma indiferente frente ao mundo, pelo contrário, criar conceitos é intervir no mundo. Segundo Gallo (2017, p. 35), “O golpe que Deleuze e Guattari desferem contra as noções correntes de filosofia é certo. A filosofia tem uma ação criadora de conceitos e não é uma mera passividade frente ao mundo”. Criando conceitos transformamos o mundo, para Deleuze (1995) o conceito é a ferramenta que permite ao filósofo criar um mundo a sua maneira. Os conceitos podem ainda se tornar armas nas mãos dos filósofos na realização da crítica ao mundo e no processo de formulação e construção de outros mundos, desta forma, o conceito será sempre uma intervenção no mundo, seja com o objetivo de conservá-lo ou de modificá-lo.

Deleuze e Guattari (1995) antes de chegarem à definição final do que seja *conceitos*, ainda refletem a respeito de outras questões pertinentes acerca da natureza da Filosofia. Para eles a mesma não pode ser vista nem como contemplação, reflexão ou comunicação. O que se difere especialmente da perspectiva de Marilena Chauí (2000, p. 17) que compreende a Filosofia como sendo reflexão: “[...] a filosofia não é uma ciência: é uma reflexão sobre os procedimentos e conceitos científicos. Não é religião: é uma reflexão crítica sobre as origens e formas das crenças religiosas”.

Para Deleuze (1995), a Filosofia não é contemplação, pois, mesmo ela sendo dinâmica, não é criativa e nada tem a ver com a criação dos conceitos. Muito menos ela é comunicação, já que a comunicação pode visar apenas e exclusivamente o consenso, mas jamais o conceito, já que os conceitos, na maioria das vezes, são mais dissenso do que consenso. Diferentemente do que defende Chauí (2000), para Deleuze e Guattari (1995), a

Filosofia não é reflexão, pois, a reflexão não é um ato particular da atividade filosófica, qualquer um e não somente o filósofo pode refletir sobre qualquer coisa.

Então, se na perspectiva de Deleuze e Guattari o ato filosófico versa sobre a criação de conceitos chegamos, aqui, na pergunta que necessita de resposta: O que é um conceito?

A questão do conceito ao longo da história da filosofia vem sendo tomado como um dado, algo que já estava presente e que não necessitava de explicação. No livro “*O que é a filosofia?*” última e uma das grandes obras de Deleuze em parceria com Guattari, publicada em 1991, os autores realizam uma grande análise do que é um conceito, as condições para se ter um conceito e quais as possibilidades de sua produção. Dito isso, trataremos de expor aqui cada um desses elementos de acordo com a filosofia deleuzo-guattarina de conceitos.

Na perspectiva dos autores, todo conceito é *assinado*, o que quer dizer que, cada vez que um filósofo cria um conceito ou dá ressignificação a um termo linguístico com um sentido propriamente seu, ele está assinando seu conceito. Platão, em sua filosofia com o conceito de *Ideia* e Sartre com o conceito de o *nada*, são exemplos claros de filósofos que assinaram seus conceitos; intrínsecos a essa assinatura encontramos o estilo do autor, a forma que cada um possui de pensar e escrever suas obras.

Não existem conceitos simples, os conceitos são *multiplicidades*, pois,

Todo conceito tem componentes, e se define por eles. Tem, portanto, uma cifra. É uma multiplicidade, embora nem toda multiplicidade seja conceitual. Não há conceitos de um só componente: mesmo primeiro conceito, aquele pelo qual uma filosofia ‘começa’ possui vários componentes, já que não é evidente que a filosofia deva ter um começo e que, se ela determina um, deve acrescentar um ponto de vista ou razão (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 23).

Do mesmo modo que os conceitos são múltiplos sendo, no mínimo, duplos ou triplos, eles não possuem todos os componentes, caso contrário tudo seria um caos. Todo conceito deriva de *problemas*, de novos problemas. Um problema deve ser conduzido pelo filósofo para que daí seja posta a possibilidade de criação de novos conceitos. Um conceito, segundo Deleuze, nunca é criado do nada; ele sempre terá seu ponto de partida, seu cunho principal. Cada conceito possui, assim, a sua *história*; os conceitos remetem tanto aos filósofos que os assinam como a outros filósofos, sendo assim assimilados, recortados e compartilhados.

A história dos conceitos não se realiza de forma linear, ela é contrária a isso, realiza-se de cruzamento de idas e vindas, uma história em total ziguezague. O conceito se alimenta não exclusivamente da Filosofia, mas também de outras formas de abordagem do mundo, tais como a ciência e as artes.



Desse modo, podemos perceber que na perspectiva filosófica de Deleuze, o conceito é uma entidade exclusiva da Filosofia; a ciência e a arte também são vistas por ele como potências criadoras, mas criadoras de outras coisas e não de conceitos.

## **2. O retorno da filosofia à estrutura curricular das escolas brasileiras e as implicações no seu ensino.**

Depois de trinta e sete anos fora da matriz curricular das escolas de ensino Médio, em nosso país, eis que a filosofia se encontra de volta como disciplina obrigatória a ser oferecida nas escolas, a disciplina voltou a ser lecionada nas escolas, porém isso não soluciona os problemas gerados por sua retirada e nem traz soluções para os problemas encontrados na sua efetivação dentro do novo contexto escolar vigente em nosso país. Um dos inúmeros problemas acarretados pela retirada da filosofia e de demais disciplinas “humanistas” efetivadas pela ditadura é a lacuna existente na formação crítica e social dos jovens. Sobre esse fato se posiciona Pegoraro:

Hoje, os jovens têm dificuldades em raciocinar, em expor seu pensamento, mas não atribuo isso apenas à falta do ensino de Filosofia. É claro que influiu, mas é bom lembrar que, nos últimos 20 anos, todo processo educacional do país foi esmagado [...]. O movimento de repressão cultural impediu o desenvolvimento do raciocínio e da crítica no país”. (PEGORARO, 1986, p. 9).

De fato atribuir toda a responsabilidade das lacunas existentes no processo de carência de criticidade e raciocínio dos jovens à filosofia seria como colocá-la dentro de um patamar utilitarista, no entanto, não podemos nos abster da falta que a mesma fez durante anos no desenvolvimento de jovens mais críticos, reflexivos e éticos e o quanto a escassez de disciplinas de cunho humanista contribuiu para o empobrecimento não apenas do conhecimento filosófico de várias gerações, mas também da sua formação cultural e social. Com relação a esse posicionamento, nos diz Ávila:

[...] a partir de 1971, o desaparecimento progressivo da filosofia contribuiu para o empobrecimento da formação cultural da juventude, a diminuição de sua capacidade e visão global dos problemas, constituindo-se numa das maiores limitações de nosso sistema educacional (ÁVILA, 1986, p. 48).

Essa limitação teve como resultado a impossibilidade de grande parcela de uma geração, em consequência de fatos históricos e tecnicistas, de terem acesso à filosofia bem como outras matérias de caráter humanista e aos seus conhecimentos, deixando ao longo da história dessa geração uma lacuna a ser sanada. Outra parcela dessa geração, no entanto,

mesmo com a proibição de se estudar filosofia ou outras matérias de cunho humanístico, buscou através de leituras e do convívio com intelectuais ao longo desses anos sanarem a ausência dessas matérias, fomentando, assim, os seus anseios pelos diferentes tipos de saber independentemente de proibições ou não.

Um fator importante e preocupante com o retorno da disciplina de filosofia ao ensino médio é a pequena demanda de profissionais habilitados a lecionarem essa disciplina, o que faz com que as escolas, em seus acordos internos, destinem professores de outras áreas do conhecimento para lecionarem tal disciplina, o que acaba aumentando a lacuna existente entre o ensino de filosofia e as novas perspectivas educacionais. Outra dificuldade a ser superada é o fato de muitos ainda verem a filosofia, como um conhecimento que não deve ser valorizado, instaurando um preconceito em relação as suas atribuições; muitos a entendem como algo que trata apenas de opiniões vagas, fantasiosa, estritamente teórica, ou ainda como um saber integralmente inútil. Sobre essa situação assim se pronunciou o núcleo regional da SEAF-RS:

{...} a filosofia tornou-se completamente desconhecida pelas novas gerações e considerada como uma forma de conhecimento ultrapassada, antiga, irreal, sem ter nada a ver com o ensino ‘moderno’, atual, ‘pragmático’, ‘produtivo’ etc. {...}. (SEAF, 1978, p. 12).

Pelo que vemos pejorativamente a filosofia no atual contexto contemporâneo educacional ocupa o papel de conhecimento inútil, desnecessário e sem validade na visão de alguns membros das novas gerações, este fato só vem a somar aos inúmeros desafios a serem enfrentados pela filosofia no seu retorno ao ensino médio.

Vemo-nos agora com o desafio de que se faça compreender, para essas novas gerações, que o conhecimento filosófico é sim de suma importância na sua formação e que o mesmo não se trata de algo inútil. Junto a isso, acrescenta-se o desafio de se desenvolver o conhecimento filosófico aliado às novas tecnologias educacionais e pedagógicas, sem deixar que o mesmo se torne instrumento meramente ilustrativo do abismo educacional que se encontra a educação brasileira.

Como bem nos diz Luckesi:

As relações entre Educação e Filosofia parecem ser quase “naturais”. Enquanto a educação trabalha com o desenvolvimento dos jovens e das novas gerações de uma sociedade, a filosofia é a reflexão sobre o que é, e como devem ser o desenvolver destes jovens e está sociedade”. (LUCKESI, 1994, p. 31).



Em suma, a filosofia e a educação sempre estiveram associadas uma a outra, pois a filosofia mesmo que de forma camuflada, nunca deixou de estar presente na educação, dando-lhe direcionamento por meio de suas conjecturas filosóficas. Cabe agora a filosofia e aos profissionais do ensino de filosofia neste momento tão importante, estreitar ainda mais esses laços na busca de um bem maior, a educação e a formação de cidadãos mais éticos e de fato, capazes de criticar as amarras, pelas quais vivemos nessa sociedade tão capitalista e utilitarista. Neste contexto, parece crucial analisarmos e compreendermos que relações a prática educativa desses profissionais tem com o ensino e a utilidade do conhecimento filosófico na visão dos alunos.

### **3. As relações entre prática educativa e a visão dos alunos sobre o conhecimento filosófico**

No entendimento norteado pelos estudos realizados acerca da prática educativa do professor, chegamos a presente indagação: Como as práticas educativas desenvolvidas pelos professores em suas aulas podem influenciar na visão que os alunos adotam sobre determinados tipos de conhecimento, em especial o saber Filosófico? Tal questionamento nos orienta na busca do desenvolvimento de um diálogo que venha fomentar questionamentos e preposições na elaboração de um caminho que possa contribuir para o entendimento do mesmo.

A questão da prática educativa envolvendo o saber filosófico faz parte de constantes discussões realizada por inúmeros autores, em seu artigo “A prática educativa através dos tempos: dos antigos aos pós-modernos” Fernanda Antônia Barbosa da Mota realiza uma análise e explica o conceito de prática educativa através de alguns autores, extraído de épocas históricas na perspectiva de apresentar uma conceituação do termo a partir de Deleuze e Guattari.

Em seu artigo, a autora faz uma abordagem da prática educativa adotada desde os autores pré-socráticos indo aos pós-modernos. Para Mota: “A prática educativa é um acontecimento que pode ser operado conceitualmente numa relação de aprendizagem para suprir as necessidades formativas dos indivíduos em sua totalidade”. (MOTA, 2013, p.2018). Desta forma, a prática educativa estar voltada para a formação humana, se atentando a aspectos particulares que o professor tem o papel de conduzir e mediar ao longo do processo de ensino e aprendizagem através de diversos campos. Para Deleuze esse é um processo de criação de novos conceitos.

De acordo com Deleuze e Guattari, em sua obra “O que é filosofia?” O desenvolvimento e a construção de um conceito, no entanto, é algo muito complexo, pois para eles não existem conceitos simples. Desta forma, a preocupação em se estudar e compreender as práticas educativas utilizadas no ensino de filosofia parte da concepção e constatação que o modo como a disciplina de filosofia e seu ensino vem sendo tratado e direcionado na maioria das escolas brasileiras, vem contribuindo para a visão utilitarista adotada e defendida pela a grande maioria dos alunos.

A prática educativa do professor é fator determinante no processo de ensino e aprendizagem, são muito mais que escolhas metodológicas, são decisões que envolvem fatores, políticos, sociais, éticos e morais e são o resultado da formação do professor enquanto profissional e ser humano, muitas vezes essa esfera de responsabilidade entre teoria e prática não é bem administrada e desenvolvida.

Outro importante autor que contribui com a nossa construção do que se configurar como prática educativa é Antoni Zabala (1998). Em seu livro “*A prática educativa: como ensinar*”, Zabala desenvolve todo um percurso metodológico sobre a prática educativa e sua importância no processo do ensino e aprendizagem, tratando em especial, das variáveis que configuram a prática educativa, as sequências didáticas e suas variáveis metodológicas e das análises constituintes de uma prática educativa reflexiva. Zabala (1998) de imediato nos mostra que seu objetivo principal é o de melhorar a prática educativa; para tanto, nos orienta acerca da necessidade e importância de se repensar as práticas educativas desenvolvidas pelos professores em suas salas de aula para, assim, melhorá-las e aperfeiçoá-las.

De acordo com Zabala (1998), essa “melhoria” se dará a partir do conhecimento e das experiências para dominá-las. Para o autor, é necessário pensar e repensar os processos que estamos inseridos e os quais inserimos nossos alunos e que através das experiências e dos conhecimentos de outros professores e de nós mesmos poderemos melhorar a nossa prática educativa.

No entanto, somente essas atitudes, segundo Zabala (1998, p. 14), não se constitui elementos suficientes para sanar o problema, pois, “[...] assim, frente a duas ou três posições antagônicas, ou simplesmente diferentes, necessitamos de critérios que permitam realizar uma avaliação racional e fundamentada”. Para o autor, as inúmeras complexidades e variáveis que envolvem o processo do ensino e aprendizado faz com que se aumentem mais ainda as dificuldades em se estabelecer uma prática educativa eficaz.

Segundo Elliot (1995 apud ZABALA, 1998), existem dois tipos distintos e bem diferentes entre si de professores capazes de desenvolver essa prática. Seria o tipo (A) definido como o professor que desenvolve uma pesquisa sobre um problema prático, mudando, assim, algum aspecto da sua prática docente, fazendo com que o mesmo mude e crie estratégias diferentes no desenvolver e no aplicar de sua prática educativa. Esse tipo é direcionado por uma inclinação acadêmica, já que se utiliza das pesquisas para tentar solucionar problemas do seu meio.

Para Zabala (1998), esse professor supõe que existe uma atuação racional na qual se selecionam ou escolhem as ações sobre a base de uma observação desvinculada e objetivada da situação, marco teórico em que se pode separar a investigação da prática. O tipo (B) de professor, é caracterizado por Zabala (1998), como o professor que tende a modificar em algum aspecto a sua prática docente, não através de pesquisas acadêmicas e sim como resposta a um problema prático encontrado em seu dia a dia, depois de entender que não pode resolvê-lo com as mesmas práticas de antes. Esse professor estabelece um processo de mudança, iniciado por uma reflexão sobre sua prática.

Na perspectiva de Antoni Zabala, esse tipo (B) de professor é o que com maior clareza se apodera da lógica natural do pensamento prático do fazer pedagógico. Antoni Zabala compreende que é de extrema importância que se debata sobre os processos e os graus de compreensão sobre a prática educativa e os caminhos que seguem ou que necessitam seguir para o aprimoramento e melhora da prática educativa de qualquer educador.

Dessa forma, Zabala (1998) defende que devemos nos ascender a novos conhecimentos e para a importância que se tem de entender e controlar as variáveis que intervêm, seja de forma positiva ou negativa no processo do ensino-aprendizagem e da necessidade de avaliar e reavaliar todo o processo, pois, ele é complexo e passível de falhas.

De acordo com o autor, necessitamos urgentemente de uma atuação profissional pautada no pensamento prático e com total capacidade reflexiva. As duas devem andar atreladas em busca de um ideal maior, um processo de desenvolvimento e aprimoramento do conhecimento adequado a todos e que possa ultrapassar a esfera do dado e sacramentado como método. Zabala (1998) defende que ainda sabemos muito pouco sobre o processo de ensino-aprendizagem e menos ainda sobre as variáveis que intervêm neste processo e tão pouco sobre a forma de como essas variáveis se relacionam.

Compreende-se assim, que necessitamos de meios teóricos que nos auxiliem e direcionem na análise e no desenvolvimento de nossas práticas diárias, na busca, no entanto, por uma



prática reflexiva e não apenas teórica, sendo necessário aliar teoria, reflexão e prática, na construção de uma prática educativa satisfatória e adequada.

#### **4. A utilidade do conhecimento Filosófico na perspectiva Contemporânea**

Estabelecendo uma ponte entre utilitarismo e sociedade contemporânea, se faz necessário responder às seguintes indagações: O que é a utilidade? O que é algo útil? Na atual sociedade contemporânea, o conceito atribuído à utilidade está ligado, intrinsecamente, à busca pelo poder, o bem-estar social e a satisfação material. Sobre essa perspectiva, o útil é aquilo que ajuda ao homem no seu processo de produção de riquezas material, *status* e manutenção do poder.

Vivemos em um mundo marcado pela busca dos resultados imediatos do conhecimento. Sob essa perspectiva, é considerada importante a pesquisa da cura do câncer; ou o estudo da matemática no ensino médio porque “entra no vestibular” ou ainda a seleção das disciplinas que vão interessar no exercício de determinada atividade (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 90).

Deste modo, valoriza-se todo o tipo de conhecimento que de alguma maneira possa ser aplicado e que de algum modo traga resultados imediatos ou em um curto prazo. Por esse motivo, o conhecimento técnico material é o que mais se difunde e é valorizado, tendo em vista que o mesmo conhecimento, depois de aplicado, dará conta das expectativas de uma sociedade consumista. Assim sendo, o conceito de utilidade também está relacionado com a técnica e as expectativas de consumo da atual sociedade capitalista em que vivemos. Deste modo, cabe-nos a seguinte indagação. Como se encaixa a filosofia dentro desta linha de pensamento? A professora Maria Lúcia de Arruda Aranha nos orienta com a seguinte resposta a cerca dessa pergunta:

Seguindo essa linha de pensamento, a filosofia seria ‘inútil’ Não serve para nenhuma alteração imediata de ordem pragmática”. Neste ponto, ela é semelhante à arte. Se perguntarmos qual a finalidade de uma obra de arte, veremos que ela tem um fim em si mesmo e, nesse sentido, é “inútil”. Entretanto, não ter utilidade imediata não significa ser desnecessária. A filosofia é necessária (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 90, grifos dos autores).

Na perspectiva da autora, a necessidade da filosofia, estaria no fato de que através da reflexão, o sujeito transcenderia a esfera do prático, daquilo que é guiado pelo agir imediato. Desta forma, a filosofia seria a possibilidade de transcendência, a capacidade de superar uma situação dada e não escolhida. Continuando nessa concepção de utilidade, poderíamos dizer

que julgar a filosofia por sua inutilidade é reduzir o homem à animalidade, tendo em vista que o animal não possui a capacidade de pensar, o animal não faz filosofia. E se a filosofia é verdadeiramente inútil, e por isso mesmo, livre e sem vínculos com certas necessidades, interesses imediatos, coisas e exigências de vínculo prático.

De fato, ela pode parecer inútil”. Porém como diz Heidegger em *A introdução à metafísica* ela se acha necessariamente fora de seu tempo. Pois, onde uma Filosofia se transforma em moda, em explicação fácil, é porque ou não há verdadeiramente Filosofia ou a verdadeira Filosofia foi desvirtuada para satisfazer necessidades passageiras. (...) Mas o que é inútil pode ser justamente por isso uma força. E por isso mesmo é essencial, pois o que desconhecer toda a relevância imediata, na prática de todos os dias pode estar em profunda consonância com o que é propriamente a realidade. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 12).

Dentro desta concepção “modernista” e imediatista da utilidade, as ciências e em especial as exatas se encontram muito ligadas à utilidade, já que os prazeres advindos da vida luxuosa tão cobiçada na contemporaneidade, com os avanços científicos que permitem a produção em massa, a todo o momento mais refinada e que promove o consumismo cada vez mais exacerbado pela grande maioria dos indivíduos. Consumismo esse que está pautado na busca do solucionar necessidades cada vez mais inúteis, fúteis, efêmeras.

Nesta perspectiva a filosofia não se encaixa nas necessidades de praticidade da atual sociedade contemporânea, sendo vista por muitos como um saber inútil e desnecessário. Em volto a todas essas concepções surge um fator determinante para todo esse processo, as práticas pedagógicas adotadas pelos professores de filosofia em suas aulas e de que modo que tais práticas vêm colaborando para essa imagem atribuída por muitos da filosofia como um saber desnecessário e inútil.

Em suma, podemos dizer que a Filosofia não é útil no sentido utilitarista que tantas outras ciências se encontram ou no sentido que ela possa ser manipulada e usada. Mas ela é necessária sim, para que ao menos mantenhamos um impetuoso processo crítico sobre as informações e a realidade que nos cerca. É ela, a filosofia, o conhecimento capaz de nos fornece meios para que possamos superar posturas dogmáticas, bem como as visões estreitas da realidade e da vida, na busca por problematizar tudo o que acontece conosco e com a sociedade.

No entendimento de Foucault (2000), é justamente neste ponto que se encontra uma das finalidades e utilidades da Filosofia. Ela deve ser um instrumento de permanente problematização do que acontece com cada um de nós, “[...] o que consente e faz de cada um

de nós quem somos?” (FOUCAULT, 2000, p. 239). Essa é uma das perguntas que nos leva ao entendimento do autor sobre a Filosofia. Afirmar Foucault (2000, p. 239): “[...] o que acontece atualmente e o que somos nós, nós que talvez não sejamos nada mais e nada além daquilo que acontece atualmente? A questão da filosofia é a questão deste presente que é o que somos”.

Para Foucault (2000), é através de Kant (2001), em seu texto em resposta a questão “*Was ist Aufklärung*”, que temos, dessa forma o passo inicial para fazer com que a filosofia se torne uma fiel problematizadora do presente, postura essa que ele procurou praticar de forma nítida e íntima em sua Filosofia. Considerava ele que “[...] é a filosofia o deslocamento e a transformação dos parâmetros de pensamento, a modificação dos valores recebidos e todo o trabalho que se faz para pensar de outra maneira, para fazer outra coisa, para tornar-se diferente do que se é” (FOUCAULT, 2000, p. 305). Para ele, é através da Filosofia que podemos transformar e modificar os parâmetros e pensamentos vigentes e enraizados em sociedade e em nós mesmos. É a Filosofia que nos leva a modificá-los e pensarmos de outra forma. Foucault (2000) em sua Filosofia, buscou refletir sobre o presente e sobre os problemas vigentes e arraigados em nossa sociedade e na maioria de nós, aliando-se a uma análise histórica dos saberes.

Immanuel Kant (1992), grande pensador do período moderno da história da Filosofia, por sua vez, justifica a sua utilidade e razão de ser, através dos seguintes pensamentos:

A Filosofia é, pois, o sistema dos conhecimentos filosóficos ou dos conhecimentos racionais a partir de conceitos. Eis aí o conceito escolástico dessa ciência. Segundo o conceito do mundo, ela é a ciência dos fins últimos da razão humana. Este conceito ativo confere dignidade, isto é, um valor absoluto, à Filosofia. E, realmente, ela também é o único conhecimento que só tem valor intrínseco e aquilo que vem primeiro conferir valor a todos os demais conhecimentos. A gente termina sempre por perguntar: para que serve o filosofar e o fim último do mesmo – a própria filosofia considerada como ciência segundo o conceito da escola? Nesse significado escolástico da palavra, a Filosofia visa apenas a habilidade; relativamente ao conceito do mundo, ao contrário, ela visa a utilidade. Do primeiro ponto de vista ela é, pois, uma doutrina da habilidade; do último, uma doutrina da sabedoria: a legisladora da razão, e nesta medida o filósofo não é um artista da razão, mas um legislador (KANT, 1992, p. 41).

Assim como para Deleuze (1995), em Kant (1992) a Filosofia é tida como o sistema de conhecimentos filosóficos que derivam dos conceitos, considerada por ele, como a ciência última dos fins da razão. Ela possui, de forma intrínseca o seu valor, e confere posteriormente valor às demais formas de conhecimento. Para Kant (1992), a Filosofia é a legisladora da razão e se configura como uma doutrina de sabedoria. Desse modo, nos diz Deleuze (2001),



que a resposta para quando nos perguntarem para que serve a Filosofia, qual a sua utilidade, deve ser agressiva, visto que:

Quando alguém pergunta para que serve a filosofia, a resposta deve ser agressiva, porque a pergunta pretende-se irônica e mordaz. A filosofia não serve nem ao Estado nem à Igreja, que têm outras preocupações. Não serve qualquer poder estabelecido. A filosofia serve para afligir. A filosofia que não aflige ninguém e não contraria ninguém não é uma filosofia. Serve para atacar o disparate, faz do disparate qualquer coisa de vergonhoso (DELEUZE, 2001, p. 159).

Assim, fica claro que a Filosofia desde o início de sua história veio para incomodar, afligir, instigar e contrariar o estabelecido como verdade. A filosofia não serve a governos ou igrejas, nem tão pouco a qualquer poder que venha a se estabelecer, e se um dia o fizer, não será ela mais Filosofia, estará assim por decretar a sua morte.

### **Considerações Finais**

Através das pesquisas bibliográficas realizadas para produção deste trabalho, conclui-se, que a filosofia se diferencia em muito dos saberes entendidos por uma grande parcela da sociedade como útil; ela não se encaixa nas expectativas imediatistas e consumistas da sociedade contemporânea em que vivemos. Busca a seu modo sobreviver em um mundo educacional cada vez mais voltado para as entranhas dos saberes tecnicistas e imediatistas.

É notória a influência e fator determinante de todo esse processo a prática educativa dos professores e como os mesmos direcionam e conduzem o ensino de filosofia em suas aulas e como esse direcionamento pode influenciar na visão de inutilidade atribuída a grande parte dos alunos ao saber filosófico. O que nos leva a enxergar com preocupação o tipo de sujeitos que estão sendo formados em nossas escolas, e a perceber que a tarefa da filosofia dentro deste contexto é uma tarefa com grandes desafios, como sempre foi à história da filosofia.

No entanto, não se trata aqui de endeusar a filosofia ou as disciplinas de cunho humanista; isso se caracterizaria como um erro gravíssimo da nossa parte, pois, as mesmas são sim de extrema importância na formação do homem, no entanto, não são as salvadoras e as solucionadoras de todos os problemas de cunho ético, moral e social do homem; tudo isso envolve questões mais amplas das quais a filosofia deve fazer parte, mas não reinar como saber absoluto, pois desse modo não estaria ela sendo filosofia.

Enfim, não se pode afirmar que o retorno da filosofia as matrizes curriculares das escolas brasileiras seja o antídoto para os problemas educacionais, sociais e éticos que enfrentam a sociedade, mas sem dúvida, ela se caracteriza como importante conhecimento que auxilia na formação de sujeitos mais cientes de si e do seu papel em sociedade, e na formação de homens críticos que pensam e agem adequadamente, sem se prenderem às amarras impostas pelas ideologias dominantes que os cercam.

## Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2003.

ÁVILA, C. de. **Filosofia no II grau**: Documento de Brasília. In: A Política da Filosofia no II grau Rio de Janeiro: SEAF, 1986

BOSI, A. **Cultura Brasileira**. In: MENDES, D. T. (Coord.). Filosofia da Educação Brasileira..Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2000.

COLLI, G. **O nascimento da filosofia**. Campinas: Unicamp, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

EWING, A. C. **As Questões Fundamentais da Filosofia**, Rio de Janeiro: Zaha,1984

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Manoel Barros da Motta (org.). Tradução Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. v. 2.

GALLO, S. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HEIDEGGER, M. **Que é isto - a filosofia?** Petrópolis: Vozes, 1956.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994

MOTA, F.A.B.; CABRAL, C.L.O. **A prática educativa através dos tempos: dos antigos aos pós-modernos**. EccoS, São Paulo, n31, p 207-233. maio/ago.2013

OLIVEIRA, L. (2016). Dossiê **Pierre Hadot: a filosofia como modo de vida**. *Archai*, nº 18, sept.- dec., p. 285- 289.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2001.

PEGORARO, O. Filosofia: a ressurreição depois do banimento. *In: A política da filosofia no II grau*. SEAF, 1986.

RODHEN, V. A filosofia prática, sua relevância e atualidade. **Debates filosóficos**. Rio de Janeiro, n. 2, 1980.

SEAF. **A reforma do ensino e a filosofia no II grau**. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 1978.

VALLS, A filosofia no II grau. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 1996.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.